

OS MACOBEBAS E O MACUNAÍMA DE JOAQUIM CARDOZO*

THE MACOBEBAS AND MACUNAÍMA BY JOAQUIM CARDOZO

Thayane Verçosa¹

RESUMO: Na peça “Marechal, boi de carro” (1975), Joaquim Cardozo apresenta a localidade de Muribeca completamente destruída pelos macobebas, seres caracterizados, principalmente, pelo seu caráter destrutivo. Dessa maneira, o monstro Macobeba, personagem originalmente criado por Júlio Bello, dá origem a um grupo de criaturas, sem que o seu criador seja sequer mencionado na trama – diferentemente do que acontece com Macunaíma. Na mesma peça, ao contar uma cena de convívio com este, um personagem fala que ele era o mesmo do livro de Mário de Andrade. Assim, contrastaremos aqui o modo como Macobeba e Macunaíma, figuras centrais do Modernismo brasileiro, são refigurados na peça, bem como refletiremos acerca das diferenças nos modos de reelaboração dos mesmos. Para realizar tal análise, um estudo comparativo entre os personagens mencionados, mobilizaremos conceitos que compõem uma reflexão contemporânea sobre o estudo das personagens, como, por exemplo, o conceito de refiguração, tal como concebido por Carlos Reis.

PALAVRAS-CHAVE: Joaquim Cardozo. Macobeba. Macunaíma. Refiguração.

ABSTRACT: In the play “Marechal, boi de carro” (1975), Joaquim Cardozo presents a place called Muribeca, that is completely destroyed by macobebas, a group of creatures characterized by their destructive behavior. Thus, the monster Macobeba, first created by Júlio Bello, gives rise to a group of beings, even though Júlio Bello is not even mentioned in the play. On the other hand, Macunaíma, created by Mário de Andrade, also appears in the play, but just like he is in Mario’s book. One of the characters of the play tells a story in which he meets Macunaíma and he is pretty much the same. Therefore, we are going to compare how Macobeba and Macunaíma, very important characters of Brazilian Modernism, are refigured in the play, highlighting the differences in their re-elaborations. In order to produce this analysis, a comparative study of the mentioned characters, we are going to use concepts that are part of a contemporary reflection on the study of characters, like the concept of re-figuration, developed by Carlos Reis.

KEYWORDS: Joaquim Cardozo. Macobeba. Macunaíma. Re-figuration.

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira na UERJ, bolsista da CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9680-8252>. E-mail: thayanevercosa@hotmail.com.

*Artigo recebido em 30 de agosto de 2022 e aceito para publicação em 28 de outubro de 2022.



Macobeba

No dia 7 de abril de 1929, o primeiro texto sobre o monstro Macobeba foi publicado no periódico pernambucano *A província*, antecedido pelo título – “Macobeba é mais feio que o cão” – e por um breve resumo, não assinado, caracterizado pelo tom de novidade: “Em artigo para *A província* o Sr. José Mathias inicia hoje uma série de revelações sensacionais sobre um tal Macobeba, bicho horroroso que está aparecendo nas praias do sul”². Ocupando um espaço considerável da terceira página do periódico, composta pelo extenso texto e pelo desenho da criatura, feito por Manoel Bandeira – um importante artista gráfico e desenhista pernambucano –, o primeiro relato da aparição do monstro destaca algumas de suas principais características bem como alguns de seus feitos, que, no decorrer dos textos, se tornam recorrentes:

Na região sul do Estado, ribeirinha do mar, um horrível ente fantástico anda apavorando as tímidas crianças e impressionando a imaginação crédula dos matutos. Grande, muito grande, do tamanho de uma sucupira de meio século, com um extenso rabo metade de leão e metade de cavalo, quatro imensos olhos vermelhos como quatro grandes brasas vivas à flor da cara, aduncas unhas de lobisomem, enorme cabeleira [...] de “Mãe-d’água”, feroz como “João Galafoice”, traiçoeiro e rápido como o “Pai do Mato”, o Macobeba empunha uma imensa vassoura de grandes cordas resistentes de cruapé e devasta tudo por onde passa. [...] Por onde passa como o vento do deserto secam as folhas das árvores. [...] tudo vai se queimando e caindo como se o Macobeba fosse a alma abrasadora do incêndio com a sua imensa vassoura de fios duros de cruapé e os quatro olhos candentes de sua caraça de “Lobisomem”. Um acre cheiro danado que tanto tem do nauseabundo da maritaca quanto dos vapores de enxofre que dizem o diabo deixa na sua passagem fica pelos caminhos entontecendo, embriagando e envenenando as gentes (MATHIAS, 1929, p. 3).

Além de ser, em alguma medida, inserido na tradição folclórica brasileira, uma vez que a única saída para livrar a localidade dos horrores provocados pelo monstro parece ser a união de “João Galafoice”, “Pai do Mato”, “caiporas” e “Mãe-d’água”, também se destaca na passagem supracitada os diversos elementos que constituem seu caráter animalesco-diabólico: a sua velocidade; o modo como, por onde passa, deixa tudo queimando; o seu

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).



acre cheiro que entontece as pessoas – composto, inclusive, pelos vapores de enxofre deixados pelo diabo –; a sua ferocidade; a sua maldade; e o seu comportamento destrutivo.

A mencionada caracterização permanece na maior parte dos textos sobre o monstro, publicados de abril a setembro de 1929 no mencionado periódico. Nesse período, Macobeba é o protagonista de 28 textos que abordam seus malfeitos, seu caráter destrutivo, sua genealogia, entre outros. Desse total, 26 foram escritos por José Mathias, pseudônimo do senhor de engenho e escritor Júlio Bello – amigo de Gilberto Freyre, diretor do periódico à época das publicações sobre a criatura –, um por Estevão Pinto e o outro por José Lins do Rego. É possível pensar que as 26 publicações formam uma espécie de unidade, uma vez que apresentam diferentes acontecimentos vividos pelo monstro que, de certa maneira, se sucedem.

Por outro lado, ainda que publicados no mesmo periódico, os textos de Estevão Pinto e de José Lins do Rego diferem significativamente das aventuras de Macobeba contadas por Júlio Bello. Em “Qual é a família do Macobeba?”, o antropólogo reflete acerca do surgimento da criatura, garantindo: “Com toda a certeza, o macobeba será um desdobramento de um dos mitos secundários, a saber, a Yara, o boi-tatá, o saci, o lobisomem e o hipupiara” (PINTO, 1929, p. 2), defendendo também que: “O macobeba – espécie de lobisomem malfazejo, aparecido ultimamente em Pernambuco – surgiu, portanto, num momento propício, que é o do período áureo do folclorismo nacional” (PINTO, 1929, p. 2). Assim, ele concebe a personagem como um derivado tardio da mitologia indígena brasileira, sendo, desse modo, um produto do folclore nacional.

O autor de *Menino de Engenho*, por sua vez, apresenta diferentes utilidades da criatura monstruosa, ao contar, por exemplo, que aprendeu a corografia de Pernambuco acompanhando as andanças do personagem por diferentes rios, engenhos e regiões, ou ao defender aquilo que ele apresenta como uma espécie de função pedagógica da criatura com as crianças:

Entre os meus dois meninos esse retrato é capaz de liquidar com a vontade mais impertinente. E diga-se, de passagem, não há vontade mais decidida e mais firme que a de um menino que quer uma coisa. Para mim [...] o Macobeba, Deus há de me perdoar a imagem, caiu-me do céu. É só falar no nome do bicho e os meninos a amolecer a vontadezinha impertinente. [...]. Macobeba renovou para o mundo dos meninos essa coisa que muito pedagogo besta considera um mal: o medo. Macobeba é o gênio da destruição mais violento de quantos há por aí. Porque, repetindo uma palavra



dos modernos, em matéria de destruir ele realiza uma “totalidade”. Para mim ele foi um descanso (REGO, 1929, p. 3).

De acordo com José Lins do Rego, para as crianças o Macobeba é “o gênio da destruição mais violento de quantos há por aí”, despertando, conseqüentemente, “essa coisa que muito pedagogo besta considera um mal: o medo”; assim, a exibição do retrato ou a menção ao monstro parecem bastar para amedrontar os meninos e demovê-los de determinadas atitudes. Além disso, o autor de *Fogo Morto* também revela o medo despertado por Macobeba em uma camada mais popular da sociedade, ressaltando como uma parte da população passa a temer a criatura. Nesse movimento, ele acaba desvelando dois modos distintos de recepção da personagem: (i) o popular/infantil, no qual o monstro é realmente temido pelo seu caráter destrutivo e predatório, e (ii) o intelectual/literário, modo pelo qual a criatura é admirada por características diversas, como, por exemplo, suas utilidades, sendo, inclusive reapropriado por outros autores.

Assim, é no segundo modo de recepção que podemos conceber a retomada e reelaboração do personagem por escritores como Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Manuel Cavalcanti Proença e Joaquim Cardozo, sendo refigurado pelos mencionados escritores de modos bastante diversos, em meios variados, com publicações em diferentes estados brasileiros. Enquanto o autor de *Pauliceia desvairada* ironiza o aspecto diabólico-assustador original do monstro em uma crônica publicada ainda em 1929 em um periódico paulista, Graciliano Ramos, em 1930, com a utilização de um pseudônimo, publica duas críticas políticas alegóricas nas quais funde o monstro a um político local, a fim de criticar o messianismo na política. Jorge de Lima, em 1945, por sua vez, reelabora o monstro como uma espécie de vilão em dois textos repletos de elementos maravilhosos, publicados em um periódico carioca. Manuel Cavalcanti Proença, em 1959, tal como Graciliano Ramos, também elabora uma crítica alegórica, agora ao caráter diabólico do capitalismo, ao figurar o monstro como o presidente de uma megacorporação totalitária e predatória, o vilão a ser combatido e derrotado no seu *Manuscrito holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba*.

Joaquim Cardozo, por sua vez, na peça “Marechal, boi de carro”, composta por três quadros, inicia o primeiro deles com a localidade de Muribeca completamente destruída pelos macobebas, que acabaram de deixar o local, como anuncia o personagem chamado Primeiro homem em sua fala inicial: “O poder não está nas armas / Não está na força a coragem. / Os macobebas fugiram / Somente resta a paisagem” (CARDOZO, 1975, p. 253). Nesse ce-



nário do que sobrou após a destruição feita pelas criaturas, ele dialoga com outros dois personagens, o Segundo Homem e o Terceiro Homem, buscando compreender o que eram tais seres, a partir, principalmente, do caos instaurado por eles. Assim, o Primeiro Homem, que tem a sua fala inicial interrompida pela passagem de um carro de boi – cujo destino vai sendo decidido ao longo da peça –, continua: “Os macobebas; quem sabe / De onde vieram tantos seres / Nunca vistos. Tantos seres... / Não se sabe bem quem eram / De onde surgiram assim, / Com seus costumes estranhos / Pois cangaceiros não eram / Nem tampouco eram bandidos / Ou salteadores de estradas” (CARDOZO, 1975, p. 254-255).

Ao negar, por uma espécie de eliminação, que os macobebas fossem determinados tipos de bandidos, ele é respondido pelo Segundo Homem da seguinte forma: “Bem armados é que estavam / De punhal e mosquetão / E levaram Muribeca / A uma grande danação / Suponho que eram demônios / Pelos crimes de então; / Pelas misérias que aqui / Cometeram” (CARDOZO, 1975, p. 255). Nessa dificuldade de categorizar os tipos de crimes, eles começam a tentar definir os macobebas como criaturas demoníacas, o que é reforçado pelo Terceiro Homem:

Logo quando / Na cidade se instalaram, / Depois de tantas pessoas / Terem ferido ou matado / À nossa matriz rumaram / À nossa grande matriz / E dela a Santa tiraram: / Nossa Senhora das Dores / E em seu lugar colocaram / Uma mula sem cabeça / Por isso penso que são / Gente do inferno enviada / Por Satanás” (CARDOZO, 1975, p. 255).

Assim, em uma espécie de progressão, que vai de “seres” a “Gente do inferno enviada / Por Satanás”, o diálogo entre os três personagens, que se inicia com a tentativa de inserir os macobebas em categorias de criminosos humanos – tentativa essa, porém, sempre acompanhada de negações – conclui que talvez as criaturas não fossem humanas. Logo, nesse crescente, o Segundo Homem levanta a possibilidade de que eles fossem demônios, dado o caráter perverso de seus crimes. O Terceiro Homem, por sua vez, ao mesmo tempo em que reforça esse elemento demoníaco, ao contar que eles substituíram a imagem da Santa pela de uma mula sem cabeça, traz um elemento folclórico para a caracterização das personagens, o que é respondido pelo Primeiro Homem da seguinte forma:

Não... Não... Nada / Disso; porém, eu suponho / Que não sendo cangaceiros / Nem bandidos, ou de estradas / Salteadores, talvez fossem / Gênios da terra surgidos / Surgidos da pedra bruta



/ De uma noite antecipada / Talvez ciganos, boêmios... / Talvez antigos bandidos / Surgidos do chão da morte / Por coisa feita ou feitiço / Que comunica a má sorte, / Que contra a nossa cidade / Tenha armado algum demiurgo / Com macabra crueldade (CARDOZO, 1975, p. 255-256).

Ainda que não haja um consenso, tampouco uma definição, os diferentes depoimentos convergem para a mesma caracterização, isto é, a dos macobebas como criaturas malignas, demoníacas, destrutivas e malvadas, algo reforçado pela resposta do Terceiro Homem: “Seja assim, ou de outro modo / Tenha sido o seu serviço, / O certo é que Muribeca / Passou aflições incríveis / Com a chegada e a maldade / Dos macobebas” (CARDOZO, 1975, p. 256). Depois dessa sequência de tentativas de definição com a constante presença do elemento maligno destrutivo e predatório, os personagens vão elencando outros feitos dos macobebas – no caso, as suas invencionices –, o que é conjugado com a apresentação de algumas criaturas que têm nome próprio. Dessa maneira, após o Segundo Homem concordar: “Basta somente aludir / Às invenções imprevistas / Às loucas iniciativas – Partido sujo e infeliz – / Que os ladrões aqui tomaram” (CARDOZO, 1975, p. 256), o Primeiro Homem continua da seguinte forma:

E os seus chefes. Esquisito / É enumerá-los: o chefe, / O que logo aparecia, / Com orgulho se chamava / Comandante Mulamanca; / Um outro se dizia / Capitão Caxerenguengue! / Um terceiro se nomeava / Sargento-mor João Bulhufas, / Que sempre comendo estava / E sempre soltando bufas (CARDOZO, 1975, p. 256-257).

Se, por um lado, quando os macobebas são pensados enquanto grupo, o que se ressalta inequivocamente é o seu elemento destrutivo, quando eles são apresentados individualmente, há um tom cômico, elaborado com um humor popularesco, configurado a partir do uso de trocadilhos e de palavras de duplo sentido. Isso pode ser percebido quando os personagens falam de uma das professoras da universidade criada pelos macobebas:

PRIMEIRO HOMEM / E a mestra que lecionava / Erotológica atual? / Como era que se chamava? / Do seu nome não me lembro. //
TERCEIRO HOMEM / É verdade; do seu nome / Também não me lembro. Esqueci: / Mas era assim qualquer coisa / Como doutora Cocota, / Professora Maricota / Não sei bem, não me recordo. //
SEGUNDO HOMEM / [*Explicando*] / Mas... tratava-se da ilustre; / Da mais célebre de todas / Que deste assunto entendia. / – Esta



cadeira ensinava / A muito ilustre doutora / De origem italiana,
/ De nome internacional; / Era a doutora Ancoreta / Della Bella
Chochota. Ah! / De que prestígio gozava / Na famosa Academia!
(CARDOZO, 1975, p. 260-261).

Aqui, o mencionado humor popularesco feito a partir de piadas de duplo sentido fica bastante evidente: desde o nome da disciplina ensinada pela professora, passando pelo nome italiano dela, até a garantia de que ela “gozava” de “prestígio”, os elementos são elencados com o intuito de provocar o riso, tal como quando os personagens falam de outras disciplinas da universidade:

SEGUNDO HOMEM / Na sua universidade / Também matérias exóticas / Se ensinavam, se aprendiam, / Ciências como as seguintes:
/ – Bestialógica analítica, / Cadeira que era regida / Pelo doutor Rabanete. / – Geometria operatória / Do doutor Zebralezinho, / Onde enxertos se faziam / Os possíveis e impossíveis / Cagafobética artística, / Regida pelo eminente / Professor Canguru / E tantas e tantas outras... (CARDOZO, 1975, p. 259-260).

Os nomes das disciplinas e dos professores são apresentados aqui também com um aspecto risível, sem, entretanto, tantos trocadilhos de duplo sentido como na menção à professora, na cena analisada acima. Além de todos esses elementos já apresentados e comentados, os três personagens também falam de algumas invenções produzidas pelos macobebas na universidade criada por eles:

SEGUNDO HOMEM: / Na louca Universidade / Fundaram um Instituto / De pesquisas tecnológicas: / Por simples transformações / Nas proteínas da boca / O paladar alteravam: / O que era doce se fez / Salgado. E o gosto do sal / Era mais doce que açúcar. // TERCEIRO HOMEM / O mau cheiro era cheiroso / E o cheiroso é que fedia / Convenientes mudanças / Das proteínas, diziam. / Assim, a bosta da vaca / Podia bem se comer. / Os bolotes dos cavalos / De bom gosto também eram, / Os caganitos de cabra / Nos armazéns se vendiam // PRIMEIRO HOMEM / Mas eles próprios gostavam / Era da boa comida, / Da carne de boi, / Mão de vaca e chambaril, / Da buchada e do filé; / Muito boas feijoadas / Com carne-seca e com tripa, / Com pé de porco e linguiça. / Gostavam do que era bom / E para os pobres diabos / Ficavam só destinados / Os produtos descobertos / Em suas sensacionais / Pesquisas (CARDOZO, 1975, p. 257-258).



Dessa maneira, essa espécie de inversão de sabores feita pelos macobebas, essas “mudanças das proteínas”, além de revelar um aspecto *trickster* das criaturas, revela aqui também mais uma forma de manifestação do elemento predatório deles, porque enquanto estes saboreavam vários tipos de carne, a população precisava se contentar com os excrementos dos animais, que passaram por mudanças de cheiro e de sabor para se tornarem comestíveis a fim de que sobrasse mais comida para os macobebas. Tal atitude, em alguma medida, reforça o já comentado aspecto destrutivo dos personagens, uma vez que até com a comida da população eles acabaram.

Finalmente, a partir da análise dos comentários feitos pelos três personagens, percebemos que na peça de Joaquim Cardozo vai se desenhando a imagem dos macobebas como um grupo destrutivo e predatório, que não poupa a localidade de Muribeca. Desde as tentativas de definição dos seres sem que se chegue a um consenso sobre o que eles realmente seriam, passando pelas práticas predatórias, os comentários apontam constantemente para o caráter diabólico dos personagens. Por outro lado, tal caracterização convive com passagens risíveis, como, por exemplo, quando os três homens comentam sobre os chefes dos macobebas ou apresentam alguns professores da universidade criada por eles, com um tipo de humor elaborado, principalmente, a partir do uso de trocadilhos e de palavras de duplo sentido. Ao mesmo tempo, por diversas vezes, eles mencionam diversos elementos do folclore brasileiro, apontado uma relação dos macobebas com eles, como, por exemplo, quando eles substituem a imagem da Nossa Senhora na Matriz pela de uma mula sem cabeça.

Dessa maneira, a refiguração – que, de acordo com Carlos Reis (2018, p. 421): “reporta-se ao processo de reelaboração narrativa de uma figura ficcional (normalmente uma personagem), no mesmo ou em diferentes suportes e linguagens” e pressupõe, em alguma medida, a manutenção de “traços físicos e psicológicos que permitam reconhecer a personagem refigurada” (REIS, 2018, p. 421) – de Macobeba elaborada por Joaquim Cardozo, ao invés de simplesmente trazer, para a sua peça, o monstro criado por Júlio Bello, faz uma série de mudanças em relação à figura original. Para além dos elementos supracitados, aqui o monstro deixa de ser uma criatura individual, com o nome grafado com letra maiúscula, e passa a representar um grupo de criaturas, agora escrito com letra minúscula, tornando-se um substantivo simples. Ademais, os aspectos físicos do Macobeba de Júlio Bello – como, por exemplo, os quatro olhos de fogo, o seu grande tamanho, a sua velocidade e a sua característica vassoura (lembrada ironicamente por Mário de Andrade em sua refiguração) – não aparecem na peça.



Logo, a refiguração de Macobeba por Joaquim Cardozo parece aqui se inserir naquilo que poderíamos classificar como a cadeia de refigurações *autorais* da criatura, uma vez que, tal como Nabil Araújo concebe para Fausto, nas diferentes refigurações do monstro por autores do modernismo brasileiro: “se adensarão, na verdade, os vínculos de cada nova refiguração da mesma a um determinado nome de autor, à guisa, dir-se-ia, de um ‘sobrenome’, a denotar, então, um laço de filiação” (ARAÚJO, 2020, p. 319-320). É justamente por isso que, tal como fizemos anteriormente de forma breve, podemos contrastar o Macobeba de Graciliano Ramos, o de Mário de Andrade, o de Manuel Cavalcanti Proença, o de Jorge de Lima e o de Joaquim Cardozo, percebendo **não só** as diferenças entre eles, mas também as mudanças em relação à figura original.

Macunaíma

Diferente desse processo de refiguração autoral que podemos identificar na reelaboração de Macobeba é o modo como Macunaíma aparece na mesma peça. No segundo quadro da obra, enquanto algumas pessoas esperam pelo leilão de um querido boi da região prestes a ser sacrificado, os personagens Capitão, Catirina, Bastião e Mateus resolvem passar o tempo conversando, de modo que este se propõe a contar uma história para “a todos divertir” (CARDOZO, 1975. p. 288), com o que prossegue:

Nesta várzea, pois, eu vinha, / Quando repentinamente / Lembrei-me de olhar o céu: / Olhei as constelações / E para surpresa minha / Estava do céu ausente / Aquela que Ursa Maior / Se chama. [...] Ia assim a caminhar / Quando vi que certo vulto / Estava se aproximando, / No outro sentido ao que eu vinha, / Pela estrada capengando. / Pensei que fosse o caipora, / Pensei mesmo em lobisomem. / Até que, perto chegando, / Vi que era o preto safado / Sem vergonha, sem caráter, / Macunaíma chamado (CARDOZO, 1975, p. 289).

Já na apresentação de Macunaíma, Mateus faz uma espécie de citação da obra de Mário de Andrade ao tratar Macunaíma como “sem caráter”, e uma referência direta à obra ao falar da Ursa Maior. Essas menções ao livro marioandradiano acontecem também em outras passagens, como, por exemplo: “BASTIÃO / E como estava o moleque / Mateus? Mais novo? Mais velho? // MATEUS / Ora, Bastião, você sabe / Que no céu não se envelhece. / Macunaíma, em verdade / Era o mesmo que morou / E que inda mora no livro / Do poeta Mário de Andrade” (CARDOZO, 1975, p. 291), ou como



quando Macunaíma lamenta sobre os rumos que os acontecimentos na Terra estão tomando: “Tudo isto aqui anda mal, / E o sem caráter sou eu!” (CARDOZO, 1975, p. 292), ou, ainda, quando diz: “– Ai que preguiça! Me disse”, ou “E a Catirina, a moleca / Que não quis brincar comigo?” (CARDOZO, 1975, p. 302). Assim, seja ao falar que Macunaíma é o mesmo que mora no livro de Mário de Andrade, ou ao trazer elementos que o leitor da obra reconhece prontamente ao encontrá-los na peça, como como o “sem caráter”, o “Ai que preguiça!” e o “brincar comigo”, por exemplo, não há dúvidas para o leitor de que se trata do mesmo personagem.

No encontro com Mateus, Macunaíma também conta duas histórias sobre a péssima administração pública, fazendo uma espécie de crítica política/social. A primeira delas diz respeito a um governante que compra uma máquina de quebra-gelo para usar no mês de novembro no Ceará. O segundo caso, por sua vez, diz respeito ao governante que construiu uma ponte de ferro para facilitar o transporte e a queima de carvão, prática já ultrapassada e inadequada à época de sua construção.

Na sequência, depois de contar essas histórias para Mateus, Macunaíma avisa que precisa ir embora:

– Vou-me embora, seu Mateus, / Pois se no céu minha falta / Notarem, vai dar um galho / Danado entre os astrônomos / Dos observatórios. Vai / Ser o diabo; e impelindo / A toda força a cadeira, / Desceu rápido a ladeira; / Logo passou como flecha / Por cima dos espinheiros, / Por cima das bananeiras / Que a margem da estrada bordam / E sumiu na escuridão. / Olhei para o matagal / Para ver se distinguia / Do capenga algum sinal / [Pausa] / Pouco depois olho o céu: / Novamente lá estava / Brilhando no céu supremo / A constelação da Ursa. / Ia depressa, depressa / Pra chegar até as outras / Suas vizinhas, que então / Tinham desaparecido / Nos horizontes do Além (CARDOZO, 1975, p. 311).

Assim, da mesma maneira como surge inesperadamente, Macunaíma, quando percebe que as estrelas estão se distanciando e que as pessoas podem sentir falta da Ursa Maior, rapidamente volta a ocupar o seu lugar no céu. Ainda que Mateus fale que ora Macunaíma estava usando um relógio de prata, ora de ouro, ou ainda que ele diga que o personagem marioandradino estava usando muletas e depois mencione que ele estava em uma cadeira de rodas – mudanças na narrativa sempre percebidas e comentadas pelos personagens que estão ouvindo a história –, as menções ao livro de Mário de Andrade são muito presentes na refiguração deste personagem e não são prejudicadas pelas mencionadas variações.



Portanto, ainda que Joaquim Cardozo reelabore duas figuras extremamente relevantes do Modernismo brasileiro em sua peça, os modos como Macobeba e Macunaíma são refigurados são significativamente distintos. Enquanto Macunaíma aparece como parte de uma história narrada por um personagem, isto é, como o elemento central de um caso que visa divertir os seus companheiros, os macobebas são extremamente importantes para os acontecimentos da peça, uma vez que são os responsáveis pela trama que atravessa o primeiro quadro, quando as pessoas estão retornando à Muribeca depois da destruição que eles provocaram.

Diante das inúmeras menções à obra de Mário de Andrade, desde o surgimento de Macunaíma na peça, o leitor não tem dúvidas de que se trata do mesmo personagem marioandradiano, agora protagonizando uma história contada por terceiros – na qual as pequenas mudanças em termos de itens que o acompanham não prejudicam o seu reconhecimento, uma vez que o leitor sabe que a história está sendo narrada por um outro personagem com o intuito de divertir aqueles que o acompanham. Já os macobebas, por outro lado, passam por tantas transformações – de uma figura individual animalesco-diabólica tornam-se um grupo de seres diabólicos que conservam, em alguma medida, com manifestações distintas, o caráter destrutivo original; o fato de que o nome de Júlio Bello não seja sequer mencionado –, que, diferentemente do que acontece com Macunaíma, a presença deles na obra provavelmente não produziria um reconhecimento imediato do monstro no leitor, uma vez que trata-se do modo como Joaquim Cardozo se apropriou e reelaborou a criatura, acrescentando novos elementos na sua versão.

Finalmente, essas diferenças entre os modos de reelaboração dos mencionados personagens são relevantes para que pensemos nos distintos processos de refiguração de Macobeba e Macunaíma na releitura que Joaquim Cardozo faz desses personagens. Enquanto o primeiro, diante de tantas mudanças, pode ser classificado como um exemplo de *refiguração autoral*, o segundo, ainda que também refigurado, não se afasta da criação de Mário de Andrade, podendo ser classificado como um caso de refiguração.

Essa análise contrastiva entre os dois personagens refigurados nos permitiria, também, levantar uma hipótese, que ainda precisa ser bastante desenvolvida, sobre as diferenças de recepção entre os dois personagens. Com o passar do tempo, enquanto Macobeba, uma criação individual, foi recebido por uma certa tradição de autores modernistas e reelaborado de maneiras distintas por eles – recebendo as marcas e as características dos diversos escritores que o refiguraram ao longo do tempo –, Macunaíma, originalmente protagonista de uma lenda, da mitologia de um povo, deixa de



ser uma espécie de criação coletiva para se tornar um personagem de Mário de Andrade, depois da publicação de seu livro – tal como aparece na peça de Joaquim Cardozo. Logo, esse estudo comparativo nos ajuda a pensar também sobre as consequências das releituras na recepção das obras.

Referências

ARAÚJO, N. Como se faz um mito? (Fausto como paradigma para a Poética). In: ARAÚJO, Nabil. **Re-figurações de Fausto**: entre literatura e mito. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2020. p. 289-326. Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2022/07/re-figuracoes-de-fausto.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CARDOZO, J. Marechal, boi de carro. In: CARDOZO, Joaquim. **Teatro de Joaquim Cardozo**, Recife: Cepe, 2017. p. 251-342.

MATHIAS, J. [Júlio Bello]. Macobeba é mais feio que o cão, **A província**, Pernambuco, n. 80, p. 3, abr. 1929.

REGO, J. L. Macobeba é um ótimo professor de corografia, **A província**, Pernambuco, n. 130, p. 3, jun. 1929.

REIS, C. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra: Almedina, 2018.

PINTO, E. Qual é a família do Macobeba?, **A província**, Pernambuco, n. 158, p. 2, jul. 1929.

